Lição 4: A Gravidade da Prodigalidade

> *As coisas, portanto, que são da prodigalidade não se acrescentam muito; pois não é fácil, a quem de nenhuma parte recebe, dar a todos, porque rapidamente a substância abandona os doadores idiotas, os quais também parecem ser pródigos. Por isso, tal pessoa parecerá certamente não pouco melhor que o avaro. Pois é bem curável, tanto pela idade quanto pela indigência. [686]*
>
> *E pode chegar ao meio. Pois tem aquilo que o liberal, porque tanto dá quanto não recebe, mas nenhuma das duas coisas faz como é preciso nem bem. Se, pois, se acostumar a isto ou de algum outro modo se transformar, será certamente liberal; pois dará àqueles a quem é preciso e não receberá de onde não é preciso. Por isso também parece não ser mau segundo o caráter; pois não é próprio do mau nem do covarde superabundar no dar e não receber, mas sim do insensato. [688]*
>
> *Segundo este modo, porém, o pródigo parece ser muito melhor que o avaro, tanto por causa das coisas que foram ditas quanto porque este é útil a muitos, ao passo que aquele não é útil a ninguém, nem sequer a si mesmo. [690]*
>
> *Mas muitos dos pródigos, como foi dito, também recebem de onde não é preciso e são, segundo isto, avaros. [691]*
>
> *Ora, são propensos a receber por quererem, de fato, consumir, mas fazem isto com dificuldade, porque rapidamente abandonam aquilo que possuem; são, pois, forçados a adquirir de outra parte. E ao mesmo tempo, por não se importarem com nenhum bem, recebem indiferentemente e de toda parte; pois desejam ardentemente dar, mas de que modo ou de onde, nada lhes importa. [692]*
>
> *Por isso, nem sequer as doações deles são liberais; pois nem são boas, nem por causa do próprio bem, nem como é preciso, mas às vezes tornam ricos aqueles que seria preciso serem indigentes; e aos moderados segundo os costumes nada dariam, mas aos aduladores ou aos que lhes proporcionam algum outro prazer distribuem muitas coisas. [694]*

> *Por isso muitos deles são intemperantes. Pois, consumindo facilmente, são também gastadores em intemperanças. E por não viverem para o bem, inclinam-se para os prazeres. [695]*
>
> *O pródigo, portanto, tornado conduzível, passa a estas coisas. Mas, tendo obtido zelo, chegará certamente ao meio e àquilo que é preciso. [696]*

686. ***As coisas, portanto, que são da prodigalidade*** etc. Depois que o Filósofo mostrou a oposição da prodigalidade à avareza, aqui mostra que a avareza excede na gravidade do pecado, e isto por três razões.

A primeira delas toma-se da mutabilidade da prodigalidade, porque não se acresce com facilidade, mas com facilidade se remove. Por isso diz que aquelas coisas que pertencem à prodigalidade não podem acrescer-se muito simultaneamente, isto é, que alguém de modo nenhum receba e superfluamente dê a todos, pelo fato de que a substância, isto é, as riquezas, rapidamente abandona os que dão indiscretamente, como que idiotas e irracionais, e tais parecem ser os pródigos. E porque o vício que se acresce muito, mas com facilidade se cura, é menos grave, daí resulta que o pródigo não é pouco melhor, isto é, menos mau, que o avaro.

687. Pois o pródigo é facilmente curável de seu vício por duas coisas.

De um modo, pela idade, porque, quanto mais alguém se aproxima da velhice, tanto mais se torna propenso a reter e a não dar; pois, como as riquezas são desejadas para que por elas se remedeiem os defeitos humanos, é consequente que, quanto maiores defeitos alguém sente, tanto mais propenso esteja a reter e a não dar.

Em segundo lugar, por causa da pobreza, que resulta da doação supérflua do pródigo; ora, a pobreza impede a prodigalidade tanto pela impossibilidade de dar quanto pela experiência do defeito.

688. Põe a segunda razão ali: ***e pode chegar ao meio*** etc. A qual se toma da semelhança dele com a liberalidade. Por isso diz que o pródigo pode facilmente ser reconduzido ao meio da virtude por causa da conveniência que tem com o liberal. Pois o pródigo tem aquilo que tem o liberal, a saber, porque de bom grado dá e não recebe com facilidade; difere, porém, do liberal, porque nenhuma destas duas coisas faz conforme é preciso e bem, isto é, segundo a razão reta. E por isso, se for conduzido a fazer as coisas antes mencionadas conforme é preciso, seja pelo hábito seja por qualquer outra transformação, por exemplo da idade ou da fortuna, será liberal, isto é, dará àqueles a quem é preciso e não receberá de onde não é preciso.

689. E disto conclui que o pródigo não parece ser mau segundo aquilo que pertence propriamente à virtude moral, a qual respeita diretamente a potência apetitiva; pois não pertence ao apetite mau ou corrompido nem ao defeito do ânimo viril o fato de alguém superabundar no dar e no não receber, mas isto parece pertencer a uma certa insensatez; e assim parece que a prodigalidade não pertence tanto à malícia moral, que respeita a propensão do apetite para o mal, quanto ao defeito da razão.

690. Em terceiro lugar, ali: ***segundo este modo, porém*** etc., põe a terceira razão, que se toma do efeito da prodigalidade. Por isso diz que o fato de o pródigo ser muito melhor que o avaro não somente aparece por causa das duas razões antes mencionadas, mas também por causa desta terceira, pois o pródigo é útil a muitos por sua doação, ainda que se prejudique dando desordenadamente, ao passo que o avaro não é útil a ninguém, enquanto falta no dar, nem sequer é útil a si mesmo, enquanto falta no gastar.

691. Em seguida, quando diz: ***mas muitos dos pródigos*** etc., trata daquele que é misturado de pródigo e de avaro.

E acerca disto faz duas coisas:

primeiro mostra como alguns pródigos têm algo de avareza;

em segundo lugar, infere certas conclusões a partir do que foi dito, ali: ***por isso, os intemperantes*** etc.

Acerca do primeiro faz duas coisas:

primeiro mostra como certos pródigos se comportam mal no receber;

em segundo lugar, como se comportam mal no dar, ali: ***por isso, nem sequer liberais*** etc.

Acerca do primeiro faz duas coisas.

Primeiro propõe o que pretende. E diz que muitos que são pródigos segundo a doação supérflua são também, quanto a algo, avaros, enquanto recebem de onde não é preciso.

692. Em segundo lugar, ali: ***ora, são propensos a receber*** etc., aponta duas razões.

A primeira delas é que tais pessoas são propensas a receber pelo fato de quererem consumir seus bens dando e gastando de modo supérfluo, e consomem com facilidade, porque aquilo que têm cedo os abandona; por isso, para que possam cumprir a sua vontade acerca das doações e despesas supérfluas, são forçados a adquirir desordenadamente de outra parte aquilo que não têm.

693. A segunda razão é que dão mais por uma certa concupiscência de dar do que pela razão reta, como que visando a algum bem; por isso querem, de fato, dar, mas de que modo ou de onde dêem, nada lhes importa, e por isso, porque não têm nenhum cuidado com o bem, recebem indiferentemente de qualquer parte.

694. Em seguida, quando diz: ***por isso, nem sequer liberais*** etc., mostra como faltam acerca das doações. E diz que, porque não têm nenhum cuidado com o bem, por isso suas doações não são liberais, porque nem são boas, nem por causa do bem, nem têm a medida devida, mas às vezes tornam ricos homens maus, que seria preciso serem pobres, porque, ao usarem mal das riquezas, são nocivos a si e aos outros; e, todavia, aos homens que têm costumes moderados segundo a virtude nada dariam, no que faltam no dar, mas dão muito aos aduladores ou a outros

homens que de qualquer modo os deleitam, por exemplo aos histriões ou aos alcoviteiros, no que superabundam no dar.

695. Em seguida, quando diz: ***por isso, os intemperantes*** etc., induz duas conclusões a partir do que foi dito.

A primeira delas é que, por causa do que foi dito, muitos dos pródigos são intemperantes, e isto aparece a partir de duas coisas.

Primeiro, porque, sendo fáceis para consumir os seus bens, também com facilidade os consomem em intemperanças, por exemplo em comidas e prazeres venéreos, dos quais muitos se retraem pelo temor das despesas.

Em segundo lugar, porque, não ordenando a sua vida ao bem honesto, é consequente que se inclinem para os prazeres; pois estas duas coisas são apetecíveis por si, o honesto segundo o apetite racional, e o deleitável segundo o apetite sensitivo; ao passo que o útil se refere a ambas.

696. A segunda conclusão ele estabelece ali: ***o pródigo, portanto*** etc. E diz que, a partir do que foi premissado, é evidente que o pródigo, se não pode ser conduzido à virtude, cai nos vícios antes mencionados. Mas, se possuir o zelo, isto é, o da virtude, chegará facilmente ao meio, de modo a dar e a abster-se de tomar conforme é preciso, como se disse acima.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:05:33 by Admin
Updated 17 October 2026 00:08:39 by Admin